

Missão cumprida

Mário Pedrosa

coisa, entretanto, podemos afirmar com a mais serena consciência: ao julgarmos, não olhamos tendências, nem escolas, nem nomes. A grande maioria dos trabalhos aprovados, por vêzes com louvor, era para mim de nomes desconhecidos: uma das raras satisfações que senti, no curso dos trabalhos, foi precisamente êsse de descobrir valores novos desconhecidos.

Terminados os trabalhos do Salão, eis-me de volta à minha coluna. Foram trabalhos exaustivos, que duraram alguns dias. E não terminavam, quando saíamos das salas de exposição: em casa, continuavam, pois, pela nossa cabeça, passavam quadros e mais quadros, varando a noite e nos tirando o sono.

Fizemos o melhor que foi possível: o que não quer dizer que estivéssemos isentos de erros, é claro. Uma

A nenhum desses valores novos deixamos de distinguir, quer pela colocação no conjunto da mostra, quer por alguma outra compensação. A pequena sala de pintura e a sala de gravura e desenho, contingentes às respectivas salas de pintura e gravura e desenho dos concorrentes a prêmios de viagem, são a prova disso. Constituem a nata do salão. Estão elas, aliás, em conjunto, de nível superior às salas dos concorrentes. A pequena sala de pintura com Fukushima, Tomie Ohtake, Sheila Brannigan, Rubem Valentim, Yolanda Mohaly e Fábio Barbosa é a mostra-padrão de todo o salão. Dificilmente se pode, no Brasil, reunir num recinto um conjunto de pinturas de melhor qualidade e expressão. Diante dessa equipe a representação brasileira que foi mandada a Veneza empalidece, e muito. Na última Bienal paulista, não se poderia encontrar, mesmo procurando muito, uma equipe de pintores no pavilhão brasileiro de idêntica qualidade. A pintura brasileira está assim em festa, e trouxe para o Salão uma floração magnífica.

Uma sala idêntica pela qualidade é a dos desenhistas e gravadores novos, ainda não candidatos a prêmio. Nela também há estupendas revelações, desde esse jovem extraordinário Samico, aluno do grande Goeldi, que renova de modo magnífico a legítima gravura-ilustração, e cuja raízes mergulham na alma popular pernambucana (como o Valentim, na alma popular baiana), a Barsotti, cujo desenho magistral todo em rigor não perde por isso a força expressiva, a uma Isabel Pons, antiga pintora acadêmica fracassada e que resuscita, agora, como gravadora: algumas críticas pedantes a senões de sua gravura não apagam a força de sua imaginação. E ainda há ali outras revelações, embora ainda não tão desabrochadas. O panorama também aqui é brilhante, o que impõe que se redobre de rigor, para a

natural eliminação do amadorismo e dos simplesmente habilidosos.

Considero que a reunião pelos valores — independentemente de qualquer escola ou tendência — foi uma inovação do atual salão, e que bem poderia continuar: facilita o julgamento, permite melhor aferição dos valores e o estabelecimento do nível de qualidade. O público com isso é mais bem instruído em benefício de seu próprio julgamento.

A grande revolução do salão está, no entanto, a meu ver, na escultura: De há muito que andava a pobre muito mal representada no salão e pior julgada. Desta vez, nesse supremo critério foi a expressividade. Em Amílcar de Castro, a força expressiva e o rigor estão presentes, de modo magistral: é um grande, autêntico escultor que, enfim, surge da obscuridade. Mas temos na seção escultórica outras revelações e começar pelo envio de um escultor acadêmico também fracassado, Duvivier, e que nos apresenta, com suas engrenagens de parafusos e rodas, algo novo no gênero, no Brasil, e não falemos nesse anônimo verdadeiro artista que é Fernando Jacson Ribeiro, que já conjuga a pedra e o ferro de modo justo, dando com isso uma lição a muito escultor de fama que por aí anda: sua Figura é obra de autêntico arcaísmo expressivo. Nos envios de escultura deste ano nota-se a predominância do elemento espontâneo que nos estava faltando prenhe de humor e de significação mágica. A escultura tradicional praticamente desapareceu, enquanto começam a aparecer objetos no espaço de quaisquer materiais, que, se mais longe das belas-arts, mais próximos estão, porém, da criação popular. Isso também representa um progresso.

Quanto ao mais, cumprimos o que nos parecia ser essencial: elevar o nível do Salão. E a prova aí está.